

COMUNIDADES INTERCULTURAIS NO MUNDO GLOBALIZADO

Rafael Lopez Villasenor
rafamx65@gmail.com

RESUMO: *A reflexão deste artigo parte da experiência da interculturalidade, do florescimento e do despertar das Igrejas jovens para a missão ad-gentes. Tenta responder a questão: Quais são os desafios das comunidades interculturais? Os novos e os velhos modelos de igreja e de missão não conseguem contestar às novas inquietções. As certezas do passado foram substituídas pelas incertezas e as velhas veracidades por novos questionamentos. O desafio e aprendizado de viver em comunaidades interculturais requerem atitudes, que ajudem a superar o etnocentrismo, que promovam maturidade, criatividade, processo de conversão e diálogo constante. Enfim, a interculturalidade nos leva a trilhar novos caminhos da missão dentro dos novos contextos do mundo globalizado.*

ABSTRACT: *The reflection on this article is based on the experience of interculturality, and on the flowering and awakening of the young Churches for the mission ad gentes. This reflection attempts to answer the following question: What are the challenges that the intercultural communities face? The mission and church models, old and new, do not have an answer to the new concerns. The certainties of the past have been replaced by doubt; and the truths of the past have been replaced by new questionings. To live in intercultural communities requires attitudes that help overcome ethnocentrism; attitudes that promote maturity and creativity in a constant process of conversion and dialogue. Finally, interculturality leads us to opening new roads for the mission within the context of a globalized world.*

INTRODUÇÃO

As ordens e congregações religiosas nasceram em contextos e vivências de identidades culturais locais, mas muitos dos fundadores, como são Guido, tiveram uma visão universal da missão,

dando origem à movimentação da deslocação, criando um processo dinâmico da nacionalidade à internacionalidade e à interculturalidade. Hoje em dia, as nossas comunidades xaverianas são cada vez mais formadas por indivíduos vindos de várias culturas e países, ao mesmo tempo por pessoas idosas e jovens, isto é, são comunidades interculturais e internacionais. Viver nesse tipo de comunidades exige muito mais maturidade e capacidade de entrega, valorizando os ganhos e relativizando as perdas culturais, exigindo o exercício cotidiano da misericórdia e acolher de maneira positiva os desafios proporcionais. Enfim, entendemos por cultura um conjunto complexo de eventos, que inclui conhecimentos, crenças, arte, educação, religião, tradições, costumes, isto é, a coesão de ideias, comportamentos, símbolos e práticas sociais.

Partimos de vários questionamentos da sociedade atual: como se dá o processo de interculturalidade? Quais são os desafios das comunidades interculturais? Como as novas tecnologias marcam a interculturalidade? Quais são os novos caminhos para a missão perante interculturalidade? Nossa reflexão parte da experiência de interculturalidade, assim como do florescimento e do despertar das Igrejas jovens para a missão ad-gentes, isto é, não são apenas receptoras de missionários, mas vão passando aos poucos de objeto da missão para sujeito, criando comunidades internacionais e interculturais. Essas comunidades são influenciadas pela nova cultura tecnológica, que proporcionam relações humanas mais flexíveis, que marcam a sociedade globalizada. Inclusive, a interculturalidade leva a trilhar novos caminhos da missão dentro dos novos contextos globalizados.

1. O FLORESCIMENTO MISSIONÁRIO E VOCACIONAL DAS IGREJAS JOVENS

Durante muitos anos a Igreja católica, as ordens e as congregações religiosas enviaram missionários a diferentes países do terceiro mundo, após uma formação específica adequada para a missão além-fronteiras, com a tarefa de “plantatio Ecclesiae”. Esses resquícios chegaram até o Vaticano II, que ainda entende a missão como “atividades características com que os pregoeiros

do Evangelho, indo pelo mundo inteiro enviados pela Igreja, realizam o encargo de pregar o Evangelho e de implantar a mesma Igreja” (AG 6).¹ Os missionários deviam aprender a cultura, língua, costumes dos nativos e encorajar as vocações para o clero local (cf. AG 26). Quando na igreja local existia um cristianismo, mas sem clero local suficiente, sem os recursos para conseguir a autossuficiência econômica, considerava-se um trabalho missionário de “suplência eclesial” (cf. C 10).²

Os países fora da Europa eram considerados terras de missão, que recebiam não apenas missionários, mas também uma carga cultural colonial, considerada superior, como parte da evangelização, o que o fazia o missionário incapaz reconhecer o valor da cultura local, do diferente (cf. AG 40-41); também os ritos e culturas locais eram vistos como inferiores e com preconceito, portanto deviam ser “purificados” (cf. AG 9).

Nos últimos anos a realidade missionária mudou.³ O Concílio Vaticano II com a sua renovada eclesiologia insistiu na catholicidade da Igreja, convida a viver em contato com outras realidades, a reconhecer o valor da autêntica cultura dos povos na sua diversidade legítima, que encarna a Igreja universal visível na pluralidade das Igrejas particulares e culturais (Cf. GS⁴ 62-64). Logo, veio a presença de missionários e também de xaverianos dos países da África, da Ásia e da América Latina trabalhando além-fronteiras, inclusive na própria Europa. Também algumas congregações, que não têm como foco a missão *ad gentes*, têm missionários em vários países, formando comunidades interculturais. Este novo cenário trouxe novos paradigmas para a congregação, criando muitas vezes, tensões, desconfianças, mas também a vivência internacional e intercultural do carisma.

¹ Decreto do Vaticano II *Ad Gentes*.

² Constituições dos Missionários Xaverianos.

³ Cf. ANDRADE, Joachim. Interculturalidade nas comunidades religiosas: novas formas de viver. In SUSIN, Luiz Carlos. *Vida Religiosa em processo de transformação*. São Paulo: paulinas, 2015, p. 136.

⁴ Constituição do Vaticano II *Gaudium et Spes*.

A nova geografia das congregações missionárias, manifesta que se está passando por um processo irreversível de internacionalização e da interculturalidade, precisando fomentar mais o diálogo intercultural com base na compreensão mútua através do património étnico, cultural, religioso e linguístico.⁵ Portanto, as congregações fundadas na Europa, no velho continente, não têm mais vocações e recebem jovens vocacionados da África, da Ásia e da América Latina, levando a um processo de mudança dos paradigmas culturais tradicionais, através das comunidades internacionais e interculturais que devem fomentar o diálogo intercultural.

Se por um lado se assiste a diminuição das vocações nos países tradicionalmente católicos, devido, especialmente aos efeitos da secularização e da baixa taxa de natalidade; no hemisfério sul, sobretudo na África e na Ásia, o número de católicos e de vocações aumentaram.⁶ O crescimento do catolicismo no continente africano se explica por motivos demográficos, mas também pelo sucesso do trabalho de evangelização. Os mesmos resultados se podem constatar no caso das vocações para a vida sacerdotal e para a Vida Religiosa missionária. Com efeito, num intervalo de poucas décadas, o crescimento das vocações na Ásia e na África desenhou uma nova geografia da presença das congregações religiosas missionárias e da Igreja. De tal modo, que aparece cada vez mais internacional a vivência dos carismas.

As jovens comunidades cristãs dos países recentemente evangelizados são um presente para missão, uma esperança para o futuro e uma fortaleza para a Igreja e para nossa Congregação.

⁵ Cf. Livro Branco sobre o diálogo intercultural: Viver juntos em igualdade. Pag. 13. Disponível em: www.dhnet.org.br/dados/relatorios/r_edh/relatorio_unesco_cultura.pdf Acesso 31 de agosto 2016.

⁶ A evangelização na África sub-sahariana nos últimos cem anos tem alcançado bons resultados. De uma população católica de 1,9 milhões em 1900 passou-se em finais de 2010 para 185 milhões (18% da população). Além disso nos últimos anos, quase metade dos batismos de adultos a nível mundial ocorreram em África. ANTUNES, Diamantino. *XXIX Assembleia Nacional da CIRMOC-CONFEREMO*. Maputo, 20-22 Setembro 2011. Disponível em: <http://www.comboniane.org/africa-mocambique>. Acesso em 08 de agosto de 2016.

Igualmente o florescimento vocacional da África e da Ásia está traduzindo-se em dinamismo missionário. O fluxo de missionários já não é de norte para o sul, mas também de sul para sul e inclusive, cada vez mais de sul para norte, passando gradualmente de estado de objeto da missão para sujeito de missão. Portanto, as jovens Igrejas, não só recebem, mas, sobretudo enviam missionários. Dão a partir da própria pobreza.⁷

A nova realidade eclesial está passando de uma configuração mais vernácula para uma abertura multiétnica e intercultural, redesenhando e enriquecendo as comunidades religiosas e a compreensão do carisma; desafiando os estilos de convivência e fraternidade, como o modo de fazer missão e da formação. Os jovens vocacionados que entram nas casas formativas vêm de situações diferentes das do passado, quanto à idade, maturidade humana, experiência religiosa, formação acadêmica, no contexto da modernidade líquida.⁸ Se, por um lado, isto é uma riqueza, por outro lado é um desafio, que obriga dialogar e a repensar os paradigmas da formação, tanto básica como permanente.

As congregações religiosas por causa do envelhecimento e da diminuição dos religiosos (as), especialmente no primeiro mundo, confrontam-se com a impossibilidade de manter as obras essenciais. Um dos medos que aflige fortemente as congregações é a elevada média de idade, resultado de vários fatores, como pequena entrada de vocações, saída de consagrados (as) jovens e de média idade, assim como o envelhecimento dos membros como parte do aumento da expectativa de vida. Deste modo, muitas vezes, “importam-se” religiosos (as) do sul do mundo para o norte com o objetivo de manter as velhas estruturas, tirando

⁷ Cf. Documento de Puebla, 368.

⁸ O termo modernidade líquida é uma alegoria por que estes não têm uma forma, são fluídos que se moldam conforme o recipiente nos quais estão contidos, ao contrário dos sólidos que são rígidos e precisam sofrer uma tensão de forças para moldar-se a novas formas. Os fluídos movem-se facilmente, simplesmente fluem, transbordam, vazam, preenchem vazios com leveza e fluidez. Inclusive, não são facilmente contidos, penetram nos lugares, nas pessoas, contornam o todo, vão e vem ao sabor das ondas do mar. cf. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

jovens consagrados das atividades missionárias. Igualmente, as aberturas formativas no terceiro mundo não devem ser apenas por razões de sobrevivência, mas para irradiar o carisma e a missão da igreja. Este objetivo origina novos desafios e novas riquezas, contribuindo para a criação de comunidades interculturais e internacionais.

Acreditamos que a nossa Congregação Xaveriana tem a necessidade de ultrapassar os desafios da internacionalidade para enfrentar a interculturalidade. Ora isto exige que se reconheça e se integre o diferente, acolhendo o pluralismo cultural e o esforço contínuo por compreender e respeitar o “outro” da maneira misericordiosa. Assim, é necessário criar a dinâmica de dar e receber, partilhar e dialogar, o que determina a confiança recíproca e o reconhecimento positivo das diferenças.

Recordemos que, a Congregação fundada por São Guido M. Conforti nasceu na Itália, no âmbito da cristandade, para Evangelizar a China, para trabalhar nos territórios de missão, para implantar a Igreja. O missionário levava consigo uma carga cultural como parte da “evangelização,” o que o fazia incapaz reconhecer o valor da cultura local. Porém, desde o começo, houve a acolhida das primeiras vocações chinesas, abrindo o caminho à internacionalidade. Mas foi somente mais tarde, nestes últimos decênios, que a Congregação se tornou decididamente internacional com a presença de bengaleses, brasileiros, britânicos, burundinês, camaronenses, chadianos, colombianos, congoleses, filipinos, indonésios, italianos, mexicanos, serra-leoneses, espanhóis, e estadunidenses (*XVICG*⁹ 78).

2. COMUNIDADES INTERCULTURAIS E INTERNACIONAIS

A interculturalidade se acentuou com os processos de globalização que contribuem para produzir encontros, importações e

⁹XVI Capítulo Geral dos Missionários Xaverianos celebrado em junho de 2013, em Ta-verneiro (Itália).

intercâmbios culturais de modo mais sistemático. Esses novos vínculos transculturais facilitam o diálogo intercultural. Isto é, o movimento migratório do terceiro para o primeiro mundo provocou a transformação demográfica em alguns países e cidades, inclusive, tendo como consequência o surgimento de situações limites de tolerância. O estrangeiro deixa de ser distante e a sociedade agora é forçada à convivência com o “outro”, o diferente, que frequenta as ruas e praças, mercados e igrejas, escolas e cinemas cotidianamente, disputando vagas de emprego, submetendo-se à tutela do estado, que é responsável por sua saúde, pela educação dos filhos e pelo bem-estar social. O migrante traz consigo valores que colocam em cheque as tradições locais. A discussão sobre esta situação “seja da parte dos ex-colonizados, seja na perspectiva dos antigos colonizadores, não pode não se constituir como um drama”.¹⁰

No contexto de globalização surgiu o conceito de interculturalidade, usado para indicar um conjunto de propostas de convivência democrática entre diferentes culturas, buscando a integração entre elas sem anular sua diversidade, ao contrário, “fomentando o potencial criativo e vital resultante das relações entre diferentes agentes e seus respectivos contextos”.¹¹ Logo, a interculturalidade ultrapassou os limites dos países hegemônicos com o crescimento do processo globalização, operado por instituições transnacionais e a diminuição do poder dos estados-nações. O desenvolvimento das tecnologias de comunicações e as facilidades de deslocamento permitem um aumento dos contatos de pessoas, ideias, bens e significados provocaram também um maior contato entre as diversas culturas.

O fenômeno da interculturalidade está igualmente, presente em cada cultura Na realidade brasileira este fenômeno aconteceu, de maneira especial, com a migração nordestina para os grandes centros urbanos do centro-sul do país, possibilitando a consti-

¹⁰ MOURA, Milton. Diversidade Cultural e Democracia: Breve Reflexão sobre os Desafios da Pluralidade. *Textos e Contextos*, Salvador, v 3, n 3, p. 29-38, 2005.

¹¹ *Ibidem*.

tuição de um grupo social que tinha em comum sua origem e uma identidade cultural própria, diferente da cultura urbana do centro-sul. Mesmo, a utilização da mão de obra abundante, com baixa qualificação técnica e barata foi um dos motores do desenvolvimento acelerado da região, o grupo de migrantes nordestinos foi tratado de forma desigual e preconceituosa pelas forças hegemônicas dessas cidades. Identificar, no caso brasileiro a utilização da diferença cultural para esconder a questão de fundo, que é a desigualdade social.

No Brasil houve a dificuldade da inserção, por parte da cultura dos afro-brasileiros na sociedade, após a abolição da escravatura. Este grupo étnico de forte identidade cultural, historicamente privado de cidadania e direitos humanos foi, desde a chegada ao país, um dos maiores contribuintes ao desenvolvimento do mesmo. No entanto, pela origem histórica, geográfica e a identificação étnico-cultural diversa dos grupos dominantes nacionais, continua excluído e marginalizado após mais de cem anos de abolição da escravatura, com resultados sociais desastrosos como analfabetismo, desemprego e violência.¹² No que diz respeito à contribuição da cultura negra na construção da identidade nacional destaca-se o samba como símbolo da cultura brasileira, passando a representar a mesma tanto no Brasil como no exterior.¹³

Na Vida Religiosa a interculturalidade surge como parte da internacionalidade, com religiosos(as) de diferentes idades, origens, países, formação e competência, isto é, com pessoas de todas as raças, línguas, povos e nações. Ora este fato envolve a busca de critérios para se viver um clima de fraternidade e interculturalidade nas comunidades apostólicas e nas comunidades de formação internacional. Num mundo tão globalizado como atormentado por divisões, sectarismo e fundamentalismo, a Vida Religiosa deve dar testemunho de que é possível globalizar a comunhão de vida,

¹² VASCONCELOS, Luciana. Interculturalidade. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/INTERCULTURALIDADE.pdf>. Acesso 08 de agosto de 2016.

¹³ cf. VIANNA Hermano. *O Mistério do Samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

capaz de harmonizar as diferenças e valorizar os elementos culturais, através do testemunho de comunhão e fraternidade.

O aprendizado da interculturalidade reconhece que não existe uma cultura superior ou inferior, apenas diferente. Não deve existir polarização ou crítica negativa para as outras culturas, mas respeito, acolhida, recolhimento das identidades e dinâmicas dialógicas. Igualmente, deve-se superar toda tentação de acreditar na existência de uma cultura universal, com valores absolutos de maneira etnocêntrica. As diferenças de caráter, de cultura, de proveniência e de idade devem constituir uma oportunidade para crescer na dimensão missionária, no testemunho e na misericórdia.

A Vida Religiosa situada em contextos sociais, muitas vezes, abalados por paixões e divisões, as comunidades interculturais com pessoas de diversas idades, línguas e culturas, surgem como sinal de que o diálogo intercultural é possível e de que a comunhão é capaz de harmonizar as diferenças no contexto local. Por isso, para o xaveriano “a comunidade intercultural terá como marco referencial o contexto em que se encontra no tocante à vida da Igreja, os estudos, o idioma, a comida, o estilo de vida...” (*XVICG* 100) sem descuidar da riqueza proveniente das diferentes experiências e culturas.

A misericórdia é ato essencial da vida comunitária, é necessária a maturidade para saber viver em uma comunidade intercultural. Existem comunidades internacionais abertas e acolhedoras, que aprendem a conhecer-se e acolher os outros com suas culturas e tradições. De modo, a vida comunitária sempre deve ajudar a relativizar a própria cultura e a sentir a necessidade do contínuo e recíproco enriquecimento. Pode acontecer a incapacidade de perceber os aspectos negativos da própria cultura e com o pretexto cultural tende-se a mascarar preconceitos, complexos e problemas pessoais. Portanto, a vivência intercultural exige a consciência reconhecer os limites, sabendo relativizar a própria cultura para melhorar a vivência intercultural. Podem existir cargas culturais que dificultam a vivência intercultural. O desafio será sempre, para o indivíduo e para a comunidade, saber o que

tem que ser valorizado e o que deve ser relativizado no processo da mudança de uma cultura para outra.

A dimensão intercultural é um elemento inesquecível da espiritualidade xaveriana e da atividade missionária, que expressa o desejo de fazer do mundo uma só família em Cristo, que morreu e ressuscitou “para reunir os filhos de Deus que estavam dispersos” (*Jô* 11,52). Muitas das comunidades xaverianas, atualmente, são compostas por pessoas de “diversas idades, proveniências e formação” (*C* 37), criando comunidades pluriculturais com o mesmo ideal missionário (*RMX* 33).

O XVI Capítulo Geral dos Missionários Xaverianos expressa apreciação pela escolha que a Congregação fez das Teologias internacionais. Foram decisivamente, e ainda representam uma resposta válida ao desafio da internacionalização da Congregação em uma etapa fundamental da formação. De fato, trata-se do momento no qual todos os jovens em formação preparam-se para assumir compromissos definitivos como a profissão perpétua e os ministérios ordenados e confrontam-se com a internacionalidade e a interculturalidade (cf. *XVICG* 173). As Teologias internacionais são o lugar normal de uma primeira experiência direta de vida em uma comunidade intercultural (*XVICG* 173). Mesmo que em alguns casos, o encontro com a dimensão intercultural aconteça de uma forma mais restrita durante as etapas formativas anteriores, contudo, é este o momento, o tempo no qual todos os jovens formando são normalmente lançados a viver tal experiência.

Podemos ver que, a composição internacional e intercultural das comunidades xaverianas têm efeitos positivos com o testemunho de fraternidade perante as oposições de caráter ético, ideológico e xenófobo que podem se encontrar em alguns dos contextos. Outro efeito positivo está no fato de se predispor no processo de aculturação no contexto no qual se está inserido (cf. *XVICG* 19). Inclusive, a riqueza multicultural trazida pela internacionalidade é um desafio que ajuda a compreender melhor o carisma e a vivê-lo em profundidade (*XVICG* 80).

A formação de base dos Missionários Xaverianos se adapta à diversidade de ambientes e experiências eclesiais nas quais se realiza e entra em diálogo com outras culturas, consciente dos valores e das limitações de cada uma. “A Congregação tornou-se um corpo mais diversificado, mais internacional, como nunca esteve antes, pelo impulso do Espírito e pelo discernimento dos confrades que nos precederam, abrindo o carisma a novas culturas” (*RMX* 4).

A capacidade de viver numa comunidade intercultural torna-se um dos critérios de discernimento vocacional para o xaveriano e deve iluminar, além da vida cotidiana da comunidade e da Família Religiosa Xaveriana, todo o caminho da Formação (*XVICG* 93). Também, a dimensão intercultural requer uma boa maturidade e uma atitude de conversão permanente (*RFX* 94). Por isso, deve existir a sensibilidade para perceber os valores presentes nas diferentes culturas; a capacidade de fundamentar a fraternidade num nível mais profundo do que a simples sintonia de hábitos de vida ou de afinidades culturais, convencidos de que a comunidade é antes de tudo um dom que vai ser construído através de uma participação ativa e oblativa (cf. *RMX* 30-33). O êxito do diálogo intercultural não depende tanto do conhecimento do outro, mas da capacidade de ouvir, da empatia, da humildade e da acolher positivamente a diversidade.

Enfim, a interculturalidade, sem a vivência da misericórdia não pode existir comunidade. Em outras palavras, não há verdadeira comunidade onde não se verifica o progresso da vivência fraterna e misericordiosa. A misericórdia humana deve ser o lugar de relacionamento vivo que faz que todos cresçam na fraternidade humana. As faltas, as misérias ligadas à condição humana em vez de distanciar os membros da vida comunitária, através da vivência da misericórdia deve ajudar a estarem mais próximos.

3. NOVAS FRONTEIRAS COMUNITÁRIAS INTERCULTURAIS

O ser humano é um ser social, que precisa viver em comunidade, de relacionar-se e de comunicar-se. A chegada da nova

cultura tecnológica modificou a comunicação, facilitando as informações e a comunicação, anulando as barreiras geográficas e culturais, trazendo mudanças de paradigmas, de acordo com o modelo do ciberespaço. Vivemos as influências da nova cultura tecnológica, instigados pela cultura do momento e do imediato, através das sensações narcisistas e hedonistas, que podem provocar instabilidade, falta de compromisso e levar para o individualismo e o consumismo.¹⁴ A cultura midiática está marcada pelos novos modos de comunicar e criar relações entre indivíduos, comunidades e culturas. Os contatos interculturais que mantemos, dão lugar a novas formas de diversidade cultural, especialmente devido aos progressos da tecnologia digital e são um instrumento para Animação Missionária, que São Guido incentivou desde os primórdios da Congregação.

A diversidade cultural, tal como a identidade cultural, baseiam-se na inovação, na criatividade e na receptividade a novas influências. Todas as tradições vivas estão submetidas à contínua reinvenção de si mesmas. Portanto, a nova cultura tecnológica leva para relações humanas flexíveis, gerando níveis de insegurança e ambivalência. A fluidez dos vínculos, que marca a sociedade globalizada, encontra-se inserida nas características da modernidade. Tudo ocorre com intensa velocidade, o que também se reflete nas relações entre as pessoas e as culturas. As novas tecnologias abrem novas possibilidades, novas maneiras de relacionamento, atuação, cultura e educação. As barreiras geográficas e temporais são praticamente eliminadas, tudo corre muito rápido, mas deve existir discernimento para poder usar de maneira adequada. A internet é o campo da criatividade e palco para a facilidade de informação, resultados, construção e principalmente comunicação. As conexões são celebradas com enorme rapidez da mesma forma como são desfeitas.

Em tempos de globalização, quem não tem internet, e não está integrado nas redes sociais, está excluído em relação aos

¹⁴ cf. BAUMAN. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar 2003.

que possuem e à cultura cibernética. Os custos da comunicação tornaram-se cada vez mais baratos, deixando de existir ou diminuindo a diferença entre custo local e global, e esse processo relacionou-se ao excesso e à chegada veloz de informações. “A comunicação barata inunda e sufoca a memória, em vez de alimentá-la e estabilizá-la”.¹⁵ Portanto, a Internet fez com que o aumento da velocidade de transmissão da informação aumentasse cada vez mais, podendo esta ser transmitida mais rápida do que a viagem dos corpos, perdendo a noção de viagem e distância a ser percorrida. A informação passa a ser instantaneamente disponível para o planeta.

A inserção nas redes sociais e na nova cultura midiática criam novos laços de maneira rápida e líquida, como um espaço que propicia troca de ideias e encontros virtuais. O uso da Internet vem gerando novas práticas e modificando o comportamento, no qual se elabora o mundo social através de redes sociais. Como “filhos desta época, todos estamos de algum modo sob o influxo da cultura globalizada atual que, sem deixar de apresentar valores e novas possibilidades, pode também limitar-nos, condicionar-nos e, até mesmo, combalir-nos” (*EG 77*).¹⁶

As mudanças ocorrem a uma velocidade impressionante e se por um lado é mais fácil deslocarmo-nos de um lado para o outro, por outro lado, enquanto religiosos(as) e missionários, parece muito difícil acompanhar e entrar no comboio em constante andamento e transformação. Existem novas visões do mundo, da vida, da sociedade e do sagrado sendo fruto do mundo globalizado e tecnológico. As mudanças estão em todos os campos e em todas as atividades humanas, que influenciam de forma mais direta as comunidades interculturais e internacionais. Viver em tempos de globalização é para o xaveriano um apelo ao sentido crítico, ao discernimento, à criatividade.

¹⁵BAUMAN. *Globalização: As Consequências Humanas*. Rio de Janeiro: Zahar 1999. P 23.

¹⁶FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas 2014.

As novas realidades, também trouxeram uma nova vitalidade religiosa ultraconservadora e neo-integrista, que busca defender o tradicionalismo perante o relativismo e ao indiferentismo que atinge também as comunidades interculturais. A ansiedade do novo pode levar a sistemas e estruturas regressivas e arqueológicas. O fundamentalismo religioso é um filho legítimo da modernidade líquida, nascido de suas alegrias e tormentos, e herdeiro, do mesmo modo, de seus empreendimentos e inquietações.¹⁷ Ainda, existe uma religião especificamente moderna, nascida das contradições modernas da vida líquida¹⁸, em que se revelam as insuficiências do homem e a futilidade dos sonhos de ter o destino humano sob controle. No mundo globalizado há uma “metamorfose” da religiosidade e da fé.

Algumas atitudes do passado estão voltando entre os jovens e as novas gerações, como a volta às antigas formas de vida católica tridentina, o uso do hábito, o clericalismo, a disciplina, o afastamento do mundo entre outras. Também existem novas ondas, que procuram uma vida sem muita disciplina, pouco estudo sistemático, com uma espiritualidade pentecostal, subjetiva, cheia de emoção, ambivalente e fluida. Inclusive há quem pensa na mistura de símbolos do medievo e da pós-modernidade. Esta espécie de ruptura pode ter consequências muito distintas, porém as realidades espirituais não são estranhas à realidade da sociedade atual.

O fundamentalismo é um fenômeno que marca a conjuntura da modernidade líquida, expressão de uma reação às influências da globalização. No mundo globalizado, as identidades culturais provêm frequentemente de múltiplas fontes. Na busca pela identidade não se devem trilhar caminhos de re-institucionalização e re-tradicionização, mas uma renovação missionária e profética, através da leitura adequada aos novos “sinais dos tempos”. A identidade do modelo antigo, rígida e inegociável, não se ajusta

¹⁷ BAUMAN. *O mal estar da estar da modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 1998. p 228.

¹⁸ *Ibidem*. p 226

às novas estruturas frágeis e transitórias.¹⁹ A identidade passa a levar fortemente em consideração os aspectos novos e menos os estáveis do passado.

As relações humanas interculturais na vida comunitária parecem também ser líquidas, fragilizadas por mágoas acumuladas, competição, ironia e rigidez, levando muitas vezes, a refugiar-se em falsos valores. Os vínculos comunitários podem ser frágeis, misteriosos, conflitantes, inseguros e ambivalentes. Os conflitos comunitários fazem parte do ser humano, pois como pessoas normais temos limites e criamos conflitos. Os conflitos interculturais e inter-geracionais podem nos ajudar a amadurecer e a crescer na fraternidade.

Na comunidade internacional existe o perigo de ser criado o idealismo comunitário multicultural, que constrói castelos de areia, que imaginam a comunidade como uma vida sem conflitos, sem incoerências, sem patologias e sem problemas. Mas, o individualismo, o egoísmo, o egocentrismo, a ambição pessoal, são palavras que mostram a dificuldade que afetam a comunidade e criam desarmonia na vida comunitária. Quando encontramos devido à fragilidade humana, pode existir o desencantamento e a dificuldade de responder com uma relativa maturidade. Portanto, é preciso educar para a interculturalidade com realismo, sem perder, no entanto, o encanto do sonho e a utopia. Todos os integrantes se beneficiam com o diálogo contínuo mútuo que permite compreender a história, as motivações, os desafios culturais, as realidades passadas e atuais. Ausência de diálogo contribui para a criação de um clima de desconfiança mútua, de tensão e de ansiedade. O diálogo intercultural é necessário, de maneira mais acentuada, na comunidade multicultural. Apenas o diálogo permite viver a diversidade na unidade.

A comunidade intercultural deve estar sempre atenta a identidade, não como o que torna iguais, mas como o que nos dis-

¹⁹Cf. BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro, 2005: Zahar. p.30-32.

tingue a individualidade, mas é possível construir a identidade da comunidade intercultural sem levar em conta a alteridade? A identidade deve ser considerada como o conjunto de elementos complexos e sensíveis aos diversos contextos vividos. Mesmo que cada indivíduo é o produto do seu patrimônio e origens sociais, todos podem enriquecer mutuamente a identidade na comunidade intercultural por meio do diálogo. A abertura, a misericórdia e a partilha recíprocas são componentes que ajudam a enriquecer culturalmente; são mecanismos que permite encontrar constantemente um novo equilíbrio identitário, que responde às novas experiências e que acrescentam novas dimensões à identidade sem perda das próprias raízes. O diálogo intercultural ajuda-nos a evitar os obstáculos identitários e a permanecermos abertos às exigências atuais.

4. INTERCULTURALIDADE E DIÁLOGO: NOVOS CAMINHOS DA MISSÃO

A internacionalidade e interculturalidade levam a trilhar novos caminhos da missão. A reflexão teológica procura pensar sobre o conceito de missão *ad gentes* dentro do contexto da globalização, do encontro das culturas e dos povos. A partir das novas realidades da missão hoje se fala também de inter gentes, conceito que redefine e alarga o conceito da missão, adaptando-o aos novos contextos do mundo globalizado e ampliando o independente do lugar, do contexto e da religião que se professa. A missão inter gentes dirige-se a todos os que não são cristãos, sem exceção, independente do lugar onde vivem.

A partir das grandes migrações, do encontro de diversas culturas, a teologia criou o inter gentes, complementando a missão *ad gentes*. Entre os povos em mobilidade surgem novos âmbitos de missão, onde podemos ter a oportunidade de outros encontros motivados pelo Espírito.²⁰ Sublinhamos que a missão inter

²⁰ Cf. DORNELAS, S. M. *Espiritualidade para a Missão Inter Gentes junto aos migrantes*. Disponível em: www.missiologia.org.br. Acesso: 20 de agosto de 2016.

gentes é concebida como diálogo e encontro entre as “gentes”, povos, grupos humanos e culturas. Esta nova percepção da missão *ad gentes* vivida como missão inter gentes, está o compromisso de construir uma Igreja multicultural, acolhedora, respeitosa, instrumento de diálogo saudável entre as culturas.

No contexto da globalização a missão *ad gentes* não pode ser caracterizada apenas pela questão geográfica, mas também existencial (cf. *EG* 122). O que deve caracterizar a missão *ad gentes* é a distância religiosa, não apenas geográfica. A atividade missionária dirige-se aos “povos, grupos humanos, contextos socioculturais onde Cristo e o Evangelho não é conhecido, onde faltam comunidades cristãs suficientemente amadurecidas para poderem encarnar a fé no próprio ambiente e anunciá-la a outros grupos” (*RMi* 33).²¹ Portanto, o diálogo com os que não creem em Deus deve assumir a herança da antiga missão *ad gentes*. O grande divisor no mundo globalizado deve ser estabelecido entre cristãos e não cristãos ou entre religiões monoteístas e politeístas, mas entre crentes em Deus e não crentes. A missão é de todas as Igrejas para o mundo, é feita pelo intercâmbio missionário como expressão da universalidade e da solidariedade da Igreja, sem paternalismos, sem complexos, ao mesmo tempo em que permite responder melhor aos novos desafios da globalização, das migrações da interculturalidade que caracteriza as grandes metrópoles.

A missão sempre inclui diálogo, que não significa apenas uma conversa entre cúpulas de dirigentes religiosos, mas testemunho engajado, a partir de uma experiência da vivência da própria fé. A partir do Concílio Vaticano II, a Igreja católica não só reprovou toda e qualquer discriminação ou vexame contra as pessoas por causa de raça ou cor, classe ou religião, como algo incompatível com o espírito de Cristo (*NA* 5),²² mas convidou repetidas vezes ao diálogo e à colaboração “com os seguidores de outras religiões, testemunhando sempre a fé e a vida cristã” (*NA*

²¹ JOÃO PAULO II. *Redemptoris Missio*, encíclica publicada em 07 dezembro de 1990.

²² Decreto do Vaticano II *Nostra Aetate*.

2). Nas religiões não cristãs podemos descobrir “um raio daquela Verdade que ilumina a todos os homens” (NA 2), e encontrar a “semente do Verbo” (AG 11). Elas representam, entrelaçadas nas culturas dos respectivos povos, uma “preparação evangélica” (LG 16)²³ e uma “pedagogia de Deus para Cristo” (AG 3).

O concílio Vaticano II orienta aos católicos e missionários para que mesmo tempo que testemunhem sua fé, “reconheçam, conservem e façam progredir os bens espirituais, morais e os valores socioculturais que nas religiões se encontram” (NA 2). O diálogo torna-se elemento central na ação evangelizadora da Igreja. O espírito desse diálogo traduz-se por “uma atitude de respeito e de amizade, que penetra em todas as atividades que constituem a missão evangelizadora da Igreja” (DAp 9).²⁴ Esse diálogo, “guiado apenas pelo amor pela verdade e com a necessária prudência, não exclui ninguém” (GS 92). Por isso, “todos os cristãos devem empenhar-se no diálogo com os fiéis de todas as religiões, de modo a fazer crescer a compreensão e a colaboração, para reforçar os valores morais, para que Deus seja louvado em toda a criação”.²⁵ O objetivo maior do diálogo é aprofundar o próprio compromisso religioso e responder, com crescente sinceridade, ao apelo pessoal de Deus e ao dom gratuito que Ele faz de si mesmo, dom que passa sempre, como o proclama a nossa fé, através da mediação de Jesus Cristo e a obra do seu Espírito (DAp 140).

A teologia das religiões propõe dois principais caminhos para uma compreensão cristã do papel dos líderes espirituais das outras religiões. O primeiro é identificar a presença de Cristo nas diferentes religiões.²⁶ Tudo o que possibilita uma verdadeira experiência de Deus. Toda verdadeira oração é feita no Espírito de Cristo, que

²³ Constituição do Vaticano II *Lumen Gentium*.

²⁴ CELAM. *Documento de Aparecida da V Conferência Episcopal Latino Americana*. São Paulo: Paulinas, 2007.

²⁵ WOLF, Elias. Elementos para uma espiritualidade do diálogo inter-religioso. *Revista Pistis Prax., Teologia Pastoral*, Curitiba, v. 7, n. 1, pp. 81-111, jan./abr. 2015, p. 96-97.

²⁶ DUPUIS, J. *O Cristianismo e as religiões: do desencontro ao encontro*. São Paulo: Loyola, 2004. p 105-130.

ora em nós, e é realizada “com palavras ensinadas pelo Espírito” (1Cor 2, 13). Assim, Deus que falou por meio do Filho ao mundo, falou também de muitos outros modos e de muitas outras maneiras (Hb 1,1). Se o evento-Cristo é o sacramento universal da vontade de Deus de salvar o gênero humano, não é preciso para isso que ele seja a sua única ex-pressão possível. O poder salvífico de Deus não está ligado exclusivamente ao sinal universal que ele projetou para sua ação salvífica. O mistério da encarnação é único; tão somente a existência individual de Jesus foi assumida pelo Filho de Deus. Contudo, se apenas ele foi constituído desse modo como “imagem de Deus”, também outras “figuras salvíficas” podem ser “iluminadas” pelo Verbo ou “inspiradas” pelo Espírito para se tornarem indicadores de salvação para seus fiéis, de acordo com o plano abrangente de Deus para a humanidade.²⁷

O segundo caminho é aproximar os meios utilizados pelos mediadores da relação do ser humano com Deus. A cruz, por exemplo, é rejeitada por hindus, budistas, judeus e muçulmanos. Mas não é impossível uma aproximação da verdade cristã sobre a cruz e a morte do ego proposta pelo budismo.²⁸ A aproximação com o islamismo estaria no fato da cruz de Cristo significar total submissão à vontade de Deus. Contudo, permanece a divergência entre o que é esforço humano para a libertação na meditação budista e ação da graça divina no cristianismo; bem como a diferença entre o realismo cruel da cruz de Cristo e a noção docetista no islamismo.²⁹

Na tentativa de reconhecer a mediação do cristianismo para além da tradição cristã, há de se afirmar um relevante papel cumprido pelos líderes espirituais das religiões, sob a orientação do mesmo Espírito que conduziu e conduz o líder maior do cristianismo. Se as diferentes religiões e espiritualidades possibilitam real experiência de Deus, essa acontece na ação do Espírito e da

²⁷ DUPUIS, J. *Para uma teologia do pluralismo religioso*. São Paulo: Loyola, 1999. p 413.

²⁸ SUZUKI, D. T. *Misticismo Cristiano e Budista*. Roma: Astrolabio Ubaldini, 1971. P 101-103.

²⁹ WOLF, Elias. *Elementos para uma espiritualidade do diálogo inter-religioso*. p. 104.

graça de Cristo. Mas tal ação pode ter uma forma peculiar nas diferentes vivências espirituais, o que as diferencia do cristianismo. São múltiplas as formas de Deus realizar o seu plano salvífico. Assim, não se trata de reconhecer apenas um valor subjetivo das vivências espirituais dos membros das outras religiões, mas de afirmar os valores objetivos que nelas se encontram. Afinal, o Espírito de Deus é universalmente presente, antes, durante e depois da encarnação, potencializando os elementos objetivos das diferentes religiões.³⁰

Na perspectiva cristã, as autênticas vivências espirituais que se dão pelas práticas instituídas das religiões como oração, ritos, cultos e ensinamentos, acontecem num único Espírito, o Espírito de Cristo: “onde quer que aconteça uma genuína experiência religiosa é seguramente o Deus revelado em Jesus Cristo a entrar, de forma escondida, secreta, na vida dos homens e das mulheres”.³¹ Isso é condição para que aquela experiência relacione a pessoa com Deus. É o Espírito de Cristo que valida a experiência espiritual de uma tradição religiosa.

A complementaridade recíproca, embora assimétrica, entre a tradição do cristianismo e as outras tradições religiosas, que contém elementos de verdade e de graça. Essa complementaridade na qual existe espaço para a oração, o diálogo e a partilha de valores salvíficos, base do autêntico diálogo inter-religioso é fonte de enriquecimento mútuo. O plano salvífico de Deus é maior que nossas ideias teológicas.³² “A final todas as religiões transmitem, por meio da fé, uma visão de vida, uma atitude perante a vida e uma norma para o bem-viver”.³³

O diálogo é a busca constante de Deus e das pegadas d’Ele na história dos homens, “faz parte da missão evangelizadora da Igreja (RMi 55) e “não é uma estratégia interesseira” (RMi 56). Porém, o

³⁰ Ibidem. p.105.

³¹ DUPUIS, J. *Para uma teologia do pluralismo religioso*. São Paulo: Loyola, 1999. P 236.

³² DUPUIS, J. *O Cristianismo e as religiões: do desencontro do encontro*. p.157-158.

³³ KUNG, H. *Religiões do mundo: em busca de pontos comuns*. Campinas: Verus, 1999. p.16.

racismo, a xenofobia, a intolerância e as diversas formas de discriminação recusam e dificultam o diálogo. “Não haverá paz entre as nações, se não existir paz entre as religiões. Não haverá paz entre as religiões, se não existir diálogo entre as religiões”.³⁴ Portanto, o diálogo intercultural e inter-religioso é o paradigma da missão, que respeita profundamente a diversidade, sendo a fonte de comunhão no meio das diferenças. A Escuta do “outro”, do diferente é sempre o caminho e valor que abre passos para a missão e para o crescimento. Assim sendo, a igreja católica deseja prosseguir no diálogo sincero e fecundo com as diferentes tradições religiosas.

O diálogo é fundamental para o carisma dos Missionários Xaverianos, é parte essencial da atividade missionária. A atividade missionária da Congregação se caracteriza por ser *ad gentes, ad extra e ad vitam* (cf. *RMX* 10-13) e por causa do “carisma específico, como enviados a populações e grupos de homens não cristãos, fora do nosso ambiente, cultura e Igreja de origem” (*C* 9). Portanto, “as grandes imigrações e emigrações em todos os continentes nos envolvem ainda mais no empenho pelo diálogo e pelo encontro intercultural e inter-religioso”.³⁵ Por parte dos Missionários Xaverianos, existem algumas bonitas experiências de diálogo com o Hinduísmo, com o Budismo e com o Xintoísmo, aparecendo como mais desafiador o diálogo com o Islã. Contudo o diálogo não deve ser uma atividade delegada à sensibilidade pessoal de alguns xaverianos, mas precisa estar inserido no projeto missionário de todas as Circunscrições Xaverianas, garantindo pessoas e recursos.³⁶

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O florescimento vocacional das Igrejas da África, da Ásia e da América Latina está dando um novo rosto mais universal,

³⁴Ibidem. p. 17.

³⁵DIREZIONE GENERALE. Dialogo e acculturazione nella pratica missionaria xaveriana: sesta lettera circolare. *iQuaderni dei Saveriani*, 95. Edizioni: CSAM. Roma, Giungno di 2016. p.6.

³⁶Ibidem. p.3.

mais multiétnico e intercultural, redesenhando e enriquecendo a Congregação. A nova realidade traz consigo riquezas e desafios, angústias e esperanças, incertezas e confiança, que devem levar a rever antigos paradigmas diante das novas configurações do mundo atual. Os desafios são muitos, perante aos novos e aos velhos paradigmas, que não dão conta de responder às inquietudes da interculturalidade. As antigas certezas foram substituídas pelas dúvidas e as verdades, por novas interrogações. Portanto, pertencer a uma cultura significa ter uma identidade frente ao outro, ter a capacidade de compartilhar os próprios valores e se enriquecer com os valores alheios. A cultura não pode ser determinante no relacionamento interpessoal, mas podemos justificar, às vezes de maneira errada, comportamentos ou conflitos.

Formar comunidades interculturais é um aprendizado, que ajuda a superar o etnocentrismo.³⁷ As diferenças de caráter, de cultura, de proveniência e de idade são uma ocasião para testemunhar a dimensão missionária universal, fazendo do mundo uma só família. Viver a intercultural requer maturidade, misericórdia e atitude de conversão permanente. Não é fácil ter a sensibilidade de perceber os valores presentes nas diferentes culturas, sem saber relativizar os próprios valores culturais.

Vivemos constantes transformações e novos desafios da modernidade líquida, que criam angústias, tristezas, esperanças, alegrias, perplexidades e questionamentos. As rápidas mudanças, em parte, são fruto das novas tecnologias. A internet, os celulares, as redes sociais, entre outras, influenciam a sociedade e os missionários; facilitam as informações, anulam as barreiras geográficas e culturais da humanidade, promovem a fraternidade universal, mas também podem proporcionar uma maior distância entre pobres e ricos, acentuando ainda mais as diferenças.

Enfim, o diálogo inter-religioso e intercultural emerge para nós Missionários Xaverianos, como um dos grandes desafios para

³⁷ Etnocentrismo como atitude que vê as outras culturas em função da própria, o que pode trazer a intolerância às outros povos e/ou o sentimento de superioridade da própria cultura.

a missão *ad gentes* e *inter gentes* no mundo globalizado, contribuindo para a compreensão entre diferentes culturas. Como Congregação missionária somos provocadas a perceber a importância vital de um relacionamento criativo e mútuo entre as grandes religiões, que implica partilha de vida, experiência e conhecimento mútuo como condição essencial para o respeito, a construção da paz e harmonia universal. Portanto, neste tempo de globalização e de pluralismo religioso deve se acentuar a singularidade, o valor da diversidade e da interculturalidade, como dado irrenunciável e irrevogável de abertura.